



Biotecnologia em saúde, risoterapeutas, profissionais da saúde e usuários: limites e possibilidades de atuação conjunta

Health biotechnologies, risotherapists and nursing professionals: limits and possibilities of joint action

Alexandra Silva da Rosa¹, Analídia Rodolpho Petry¹, Guilherme Mocelin¹, Vera Elenei da Costa Somavilla¹, Lucas Vinícios Weiss¹

1 - Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, Santa Cruz do Sul, RS, Brasil.

RESUMO

Objetivo: pesquisar junto aos profissionais que atuam em grupos de risoterapeutas, os limites e possibilidades de atuação com a equipe de atenção à saúde e os usuários. **Método:** trata-se de uma pesquisa qualitativa, transversal e exploratória. Participaram nove indivíduos que atuam como risoterapeutas em uma cidade da região centro-leste do estado do Rio Grande do Sul. Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada. **Resultados:** as análises temáticas resultaram em achados que denotam a importância da terapia do riso na recuperação dos pacientes, bem como as relações entre as equipes, embora se façam presentes alguns entraves que dificultam a atuação nesses espaços, como por exemplo as cargas de trabalho e a própria resistência dos profissionais, ainda assim o resultado é positivo. Tal estratégia de atuação do risoterapeuta em conjunto à equipe de saúde corrobora para fomentar práticas humanizadas do cuidado que caminham ao encontro dos novos modelos assistências holísticos. **Conclusão:** os resultados apontam que a possibilidade da atuação dos risoterapeutas com a equipe de saúde está em influenciar positivamente o ambiente de trabalho, melhorar a resposta assistencial e promover humanização em saúde.

mocelinguilherme@gmail.com

Palavras-chave: *Terapia do Riso; Assistencial; Humanização; Estresse.*

ABSTRACT

Objective: to research, with the professionals who work in groups of risotherapists, the limits and possibilities for acting with the healthcare team and users. **Method:** qualitative cross-sectional exploratory research, with the participation of nine individuals who work as risotherapists in a city in the Center-West region of Rio Grande do Sul state. Data were collected through semi-structured interviews. **Results:** the thematic analyses resulted in findings that point to the importance of laughter therapy in the recovery of patients, as well as the relationships between the teams, although some obstacles make it difficult to work in these spaces, such as workload and resistance of professionals, the outcome is still positive. This strategy for a joint activity of risotherapists and the health teams supports the encouragement of humanized care practices that meet the new holistic care models. **Conclusion:** the results show that the possibility of risotherapists acting with the nursing team can result in a positive influence on the work environment, improve the care response and promote humanization in health.

Keywords: *Laughter Therapy; Assistance; Humanization; Stress.*



INTRODUÇÃO

Através de jogos e interações, os antigos romanos aprenderam a manter relações entre si e com a convivência grupal, considerando que estas técnicas comunicantes não são atividades individuais e favorece o “trabalho em equipe”, proporcionando o equilíbrio emocional.¹ A utilização de animações e brincadeiras na recuperação de pacientes surgiu no século IV a.C. com Hipócrates. Há alguns anos o filme “O Amor é Contagioso” relatou a história do médico norte americano Hunter “Patch” Adams que ficou conhecido pela metodologia descontraída com que tratava seus pacientes, a qual consiste no cuidado em saúde e atendimento que reforçou e ampliou o conceito de tratamento humanizado.²

Em 1986, Michael Christensen, palhaço americano, se apresentava como médico exercendo as atividades da forma tradicional e, se dispunha a realizar com dedicação as apresentações. Neste sentido, é fundamental para o palhaço, a aceitação do erro para estabelecer a posição do desajustado e a demonstração de suas emoções sinceras e verdadeiras. A partir desse contexto, a postura e o sentimento, associada ao suposto erro, reforça o poder cômico, alegre e descontraído do palhaço ou risoterapeuta e coloca o paciente em posição de empoderamento e confiança.³

No Brasil em setembro de 1991, foi implementado um projeto similar ao dos risoterapeutas no Hospital e Maternidade Nossa Senhora de Lourdes, atual Hospital da Criança em São Paulo/SP. A abordagem de pacientes por palhaços hospitalares começou a ser divulgada pela atual Organização Não Governamental (ONG) “Doutores da Alegria”. Esta abordagem organizou-se a partir de um grupo, mobilizado pela sociedade civil, e foi composta por profissionais de diferentes áreas de atuação, com o objetivo de levar humor, arte profissionalizada, acervo de conhecimentos e muita alegria para crianças hospitalizadas, bem como para familiares e as equipes de saúde.⁴

A essência deste trabalho consiste na utilização da paródia do palhaço que finge ser médico e tem como referência a alegria e o lado saudável dos indivíduos, desta forma, estes colaboram para a transformação do ambiente hospitalar.

O objetivo dos profissionais da saúde não deve ser de curar, mas sim, cuidar.^{5,6} Sendo assim, o lúdico contribui de forma significativa para o

desenvolvimento do ser humano, não importando o seu estado de saúde e o ambiente em que está. É importante que a brincadeira continue presente para proporcionar a fantasia e minimizar os impactos do sofrimento psicológico, pois o ambiente hospitalar pode desencadear situações muito desagradáveis. Entretanto, o brincar e a simulação lúdica favorecem a comunicação entre pacientes e seus cuidadores e também contribuem para a confiança dos pacientes e familiares em relação aos profissionais de saúde.⁷

Além da atuação do palhaço com seu figurino alegre e criativo, há a necessidade de um ambiente humanizado, que requer criatividade e colaboração dos profissionais que atuam em determinados espaços de saúde. Quando se fala do conceito de ambiente humanizado, remete-se em partes, a estratégia de promover a Terapia do *Clown*, ou Terapia do Riso, a fim de alegrar esses espaços, sendo esse método eficiente, por contribuir para a adaptação à internação, minimização do medo, ansiedade e frustração, desta forma, possibilita melhorias na qualidade de vida de todos os envolvidos neste processo.^{5,7}

Humanizar o ambiente não depende somente do espaço físico, todavia, também de ações com as equipes de trabalho, com o objetivo de promover assistência de qualidade, centrada no paciente. Nesse sentido, a Política de Humanização Hospitalar prevê que a forma como abordamos os pacientes e colegas de labor fará a diferença no ambiente institucional.² Por exemplo, dar um “bom dia” animado é uma forma de dar seguimento às estratégias e ações para melhorar o local de trabalho, possibilitando desta forma, maior produtividade e interação da equipe com os usuários.

A utilização de biotecnologias em cuidados à saúde – aplicações tecnológicas de todos os cunhos, de leves a duras, que proporcionam ao indivíduos mudanças nos produtos finais, o corpo, afim de adequar as necessidades ou desejos – tem se difundido por meio de estratégias que envolvem ferramentas que ultrapassam o uso exclusivo de equipamentos tecnológicos, tais técnicas são compreendidas como tecnologias leves do cuidado – acolhimento humano, gerenciamento, vínculos, contatos, dentre outros.⁸ Esse processo desafiador promotor e estimulador de rompimento de barreiras duras do cuidado engessado ao social, permite novas e flexíveis formas de abarcar e compreender holisticamente o sujeito e seus familiares em situação de vulnerabilidade reflexo da quebra da homeostase organofuncional.⁹

Dessa forma, este estudo tem como objetivo, pesquisar

junto aos profissionais que atuam em grupos de risoterapeutas, os limites e possibilidades de atuação com a equipe de atenção à saúde e os usuários.

MÉTODO

Trata-se de um estudo transversal, exploratório, de cunho qualitativo, desenvolvido em um município do interior do estado do Rio Grande do Sul/RS. A pesquisa qualitativa auxilia na área da enfermagem, com o objetivo de conhecer a cultura, crenças e valores dos indivíduos investigados possibilitando a construção de conhecimentos que contribuem para a implementação do cuidado conforme a realidade social.¹⁰

Participaram do estudo nove indivíduos que atuam em um Grupo de Risoterapia ou Terapia *Clown*, cuja sede fica em uma cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul, para contato inicial com os sujeitos que compõe este grupo, articulou-se uma reunião em momento propício aos entrevistados, cujos objetivos foram apresentados. Trata-se de um grupo formado por pessoas que atuam voluntariamente em hospitais, clínicas e instituições de saúde, unidos pelos anseio humanitários em fazer disseminar a terapia do riso. O grupo tem como objetivo promover ações solidárias, que visam o desenvolvimento cultural e de relações humanas através da figura do palhaço.

A entrevista semiestruturada, eleita como instrumento de coleta de dados para obtenção das narrativas vividas pelos risoterapeutas ou palhaços de hospital, permitiu explicitar a relação entre os palhaços e profissionais de enfermagem. As questões que nortearam o presente instrumento fazem menção as relações, os limites e as possibilidades de atuação dos risoterapeutas com a equipe de saúde e seus usuários, bem como os impactos que esses resultam, na recuperação e condução dos desfechos entre equipes e para com os usuários.

As entrevistas foram realizadas em uma sala reservada do hospital da cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul, pelo pesquisador, sendo aplicado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, diante desse escopo, não houveram recusas para adesão no estudo, as coletas se deram no período de setembro a outubro de 2018. As entrevistas tiveram tempo médio de duração de 14 minutos, sendo essas, gravadas em áudio e transcritas, permitindo uma leitura detalhada das falas e posteriormente, a descrição fenomenológica. Para facilitar a compreensão

do leitor e garantir o anonimato, os participantes foram identificados através de codinomes cômicos evidenciados nas falas a posteriori. Participaram da entrevista os indivíduos que atendiam os seguintes critérios de inclusão: ter 18 anos ou mais, aceitar participar do estudo e aceitar o uso do gravador como instrumento de registro.

Os dados obtidos foram analisados através da Análise Temática de Minayo descrita em três etapas: “pré-análise”; “exploração do material e tratamento dos resultados obtidos” e; “inferência e interpretação”.¹¹ Na “pré-análise”, foi transcrito integralmente o material coletado, assim os pesquisadores empoderaram-se do material coletado. Na segunda etapa, realizaram-se leituras do material, considerando os objetivos do estudo, para identificar as unidades analíticas que emergiram dos relatos: “Perfil dos entrevistados”; “Os risoterapeutas e os modos como se constituem”; “O risoterapeuta no processo terapêutico”; e, “Expressões artísticas como forma de comunicação entre risoterapeutas usuários e profissionais da saúde”. Na terceira e última etapa, ocorreu a análise propriamente dita.

A pesquisa foi apreciada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), sob parecer de nº 2.809.296 e delineada em conformidade às exigências da resolução nº 466/2012.

RESULTADOS

Nas informações subsequentes serão apresentados os achados do presente estudo, seguindo do perfil às formas de condução e articulação do grupo de risoterapeutas para com a equipe de saúde e usuários.

Os risoterapeutas e os modos como se constituem o processo terapêutico

Dentre os integrantes deste estudo, dois são do sexo masculino e sete do sexo feminino, sendo que a faixa etária variou de 22 a 36 anos de idade. Quanto ao estado civil, dois são casados e os demais solteiros. O grau de escolaridade varia de acadêmicos a graduados, dentre esses há as seguintes formações profissionais: Psicologia, Ciências Contábeis, Pedagogia, Administração com Habilitação em Comércio Exterior, Relações Públicas e Técnico em Mecânica Industrial.

O tempo de atuação dos voluntários no grupo

de risoterapeutas varia de um ano e dez meses a dois anos e oito meses. No momento do estudo os voluntários estão exercendo seu trabalho diário e se dedicam a atividade como risoterapeutas em horários pré-estabelecidos para tal.

A constituição do risoterapeuta enquanto ferramenta biotecnológica de cuidado em saúde caminha ao encontro de técnicas de humanização do atendimento ao usuário e boas relações nos espaços trabalho, uma vez que, essa experiência busca a valorização e o resgate dos contatos humanos em todos os aspectos. Sob essa perspectiva do cuidado centrado no biotecnológico e seus aspectos leves como ferramenta primordial, compreende-se o ser humano como foco do cuidado, observando, não apenas os aspectos que sofrem sobre a luz de patologias. Embora a técnica do humor seja datada do início da criação da medicina moderna com Hipócrates, seu uso e aceitabilidade contemporânea não é de longa data e vem ganhando gradativamente espaços nas instituições de saúde, em detrimento aos efeitos positivos observados sob seu uso.

O uso da máscara e de fantasias permite ao palhaço desenvolver melhor sua atividade e, conseqüentemente, facilitar a comunicação e o envolvimento com pacientes e equipe de saúde. Isso pode ser constatado nos depoimentos a seguir:

“[...] porque eu sinto que quando eu tô com a Pipoka, eu consigo me conectar mais com as pessoas de verdade, sem julgamento, sem preconceito mesmo expondo a minha parte mais ridícula.” (Dra. Pipoka, set.2018)

[...] estavam muito sérios na sala onde ficam os enfermeiros, então entrei, peguei o apagador e comecei a apagar o nome dos pacientes (dois ou três que havia decorado antes), então perguntaram o que eu estava fazendo? Respondi que tinha ido só para dar algumas altas, para que passassem o fim de ano em casa. Foi o gatilho naquele dia para começarmos a brincar e descontraír o ambiente. (Dr. Chikito, out.2018)

Apresentar sua parte mais “ridícula”, como diz Pipoka, significa lidar com o desmoronamento da autoimagem. Contudo, é através destes desmontes que o palhaço constrói um trabalho junto às pessoas que atendem e deste modo, conseguem conquistar a confiança, extrair sorrisos e observar a gratidão no olhar. Observa-se que Dr. Chikito, com sua atitude de apagar os nomes dos pacientes, possibilitou a descontração da equipe de enfermagem. Deste

modo, os depoimentos abaixo referem à relação dos pacientes para com os risoterapeutas.

“[...] principal retorno que a gente recebe é ver um sorriso. Às vezes, só uma mudança no olhar assim [...].” (Dra. Rãffles, set.2018)

“[...] é gratidão no olhar deles assim sabe, faz tudo valer a pena, [...] porque eles têm uma gratidão, às vezes, eles nem falam nada, mas é uma gratidão no olhar, [...]” (Dra. Riso, out.2018)

O palhaço que o indivíduo personifica deve ter a habilidade de ser autêntico e interagir em diferentes situações, sabendo inventar e responder imediatamente, quando necessário. Há situações, como as descritas acima, que conseguir um sorriso, de quem encontra-se abalado física e emocionalmente, recompensa o esforço impetrado na atuação. Assim, este personagem precisa ser habilidoso em improvisar e desenvolver diversas atividades com criatividade e desenvoltura, tais como: interpretação, música, dança, mímicas, entre outras, sendo que frequentemente integra várias delas em uma única apresentação. É no exercício cotidiano da atuação que o palhaço constrói sua experiência, assim, ao interagir em diferentes situações, torna-se hábil em inventar e responder imediatamente. O depoimento a seguir revela as habilidades dos sujeitos:

[...] cada paciente é um desafio, porque a gente não tem nada pronto, a gente não combina antes de entrar no quarto. Então, o que a gente faz, é o que a gente sente na hora, se a gente tem que conversar, se a gente tem que fazer uma piada, se a gente tem que cantar[...]. (Dra. Fon, set.2018)

O palhaço, corajosamente, traz à tona fatos reais da vida cotidiana, com qualidades e defeitos, passeando entre o imaginário e o real. Esta não é uma atividade fácil e exige certo grau de conhecimento na composição do personagem, autoconhecimento e habilidade para que o outro compartilhe do seu universo. A fala abaixo elucida essa abordagem:

[...] me chamou atenção por isso assim, é uma paciente de noventa e poucos anos, acamada, naquela situação toda, [...] acho que ela estava numa posição de muita vulnerabilidade, mas quando ela falou, quando ela foi para a brincadeira, [...]. E acho que quando a pessoa brinca, ela mostra que ela é que está mandando na situação. Ela tipo, eu estou doente, estou na cama do hospital, mas ainda estou achando graça, ainda estou fazendo graça da situação. (Dr. Dispor, out.2018)

O palhaço, com sua criatividade e habilidades,

possui a capacidade de despertar no paciente emoções para lidar com a situação em que se encontra e com isso, transformar o sofrimento em possível humor e alegria, conforme o depoimento acima. O espaço ocupado pelos personagens facilita a comunicação entre a equipe de enfermagem, de modo a propiciar melhora no humor e possivelmente nas relações de trabalho, tal processo resulta maiores possibilidades à enfermagem bem como, melhores condições de recuperação aos sujeitos acometidos por moléstias e em condições vulneráveis.

O processo de trabalho articulado pelos profissionais risoterapeutas mune-se que uma importante premissa, inclusive, assegurada pela Política Nacional de Humanização de 2003, a qual prevê em seu texto base, mudanças no modo de gerir o cuidado. Entendendo que esse processo se comunica com as biotecnologias, uma vez que, mudanças nas ferramentas e modos de cuidado terapêutico singular compreendem um modelo tecnológico leve entrelaçado ao processo de cuidado em saúde e encontra-se intimamente ligado ao trabalho dos risoterapeutas, enfermeiros e equipes de apoio.

No ambiente hospitalar, o palhaço, devido sua habilidade, consegue dar novo significado às estruturas, funções, pessoas e objetos, de modo que transforma todo o ambiente, beneficiando não somente pacientes, mas também a eles próprios, conforme observamos a seguir:

“[...] e aí sempre chego em casa muito mais leve do que quando eu fui, sabe.” (Dra. Omelete, set.2018)
“[...] tu sai renovado [...] é muito bom, é um amor assim, também eu não sei dizer porque é o único tipo de sentimento que eu tenho, fazendo isso assim, sabe? É uma coisa muito única.” (Dra. Riso, out.2018)

Por vezes, é necessário lançar mão de objetos de uso hospitalar para realizar suas intervenções, como por exemplo o uso da bolsa de soro fisiológico, a qual transforma-se em um telefone. No relato abaixo, Dra. Riso nos mostra que:

“[...] não precisa ter muito equipamento, não precisamos de nada né? Porque como eu falei, o palhaço ele vai usar muita criatividade, então, qualquer coisa vira coisa.” (Dra. Riso, out.2018)

Dra. Riso refere que “qualquer coisa vira coisa”, ou seja, a criatividade é quem determina em que os objetos se transformarão. Assim, utiliza-se também do riso, criando situações engraçadas para facilitar o dia a dia do cotidiano hospitalar, consequentemente transforma o ambiente e proporciona o cuidado

integral, assistência humanizada e um ambiente mais agradável e alegre.

Expressões artísticas como forma de comunicação entre risoterapeutas, usuários e profissionais da saúde.

É por meio do contato, que surge a garantia de que os pacientes podem confiar seus problemas, suas dores e sofrimentos à equipe, permitindo aos profissionais de saúde o exercício de seu trabalho de maneira leve, consequentemente propiciando a diminuição do estresse. Assim, ambos compartilham os melhores sentimentos, gerando resultados terapêuticos satisfatórios, como pode ser elucidado no depoimento a seguir:

“[...]a gente descobriu que era aniversário de uma paciente, [...] eu fui lá enchi uma luva, escrevi parabéns, a gente cantou 3 vezes porque, a equipe de enfermagem queria cantar junto, aí depois teve umas que não estavam e queriam cantar junto de novo, [...] ela ficou muito feliz, ficou muito alegre mesmo, sabe? (Dra. Flor, set.2018)

A situação descrita mostra o quanto o usuário pode se beneficiar da atuação conjunta da equipe de saúde e risoterapeutas, pois, tanto a doença, como a internação geram situações de estresse, medo, angústia e ansiedade, neste contexto, a coexistência de todos os atores citados, culmina em benefícios, levando em consideração as trocas que se fazem presentes no mesmo espaço e os pontos positivos de ações conjuntas, em busca de um bem comum que ultrapasse o momento frágil vivenciado pelos que se encontram em debilidade. O foco da atividade desenvolvida pelos palhaços centra-se em causar mudanças positivas no ambiente hospitalar – mesmo que sutis – busca tornar a rotina do ambiente mais agradável e divertida, para todos os indivíduos envolvidos:

“[...] à vida no hospital não só dos pacientes, mas, também daqueles que os guardam, às vezes, é uma espera longa, é angustiante, é monótono tem muita tenção, muita emoção, muita ansiedade[...] é interessante assim, quando alguma coisa diferente acontece [...]”. (Dra. Rãffles, set.2018)

O depoimento acima denota que a vivência traz grandes aprendizados e descobertas emocionais até então desconhecidas para o paciente, familiares, equipe de enfermagem e, principalmente, para o palhaço na sua atuação. Outro ponto importante das

atividades desenvolvidas pelo palhaço é a troca de informações e de lições de vida que ocorre através da relação entre todos, podendo provocar mudanças de pensamentos.

Além dos argumentos explicitados neste estudo, acerca da eficiência da visita dos palhaços na redução da ansiedade e transformação do ambiente “sombrio” e “amedrontador”, estas fazem com que a internação hospitalar seja mais leve e menos estressante para os pacientes e profissionais. Apesar disso, ainda existe resistência e limitações de atuação, impostas pela equipe multiprofissional, ao trabalho dos palhaços. Estas acontecem devido a pressão do cotidiano hospitalar, pelas normas e rotinas a serem adotadas, sendo que, requerem um conjunto de regras e instruções que determinam os procedimentos, métodos e organizações que serão utilizados no desenvolvimento das atividades, seguindo as rotinas exatas pela qual uma ou mais atividades devem ser realizadas. A fala a seguir descreve uma dentre várias normas a serem cumpridas:

“A gente tem que ter mais cuidado com pacientes em situações de isolamento e tal, mas são mais assim, limites por condições, condições assim dos pacientes [...].” (Dra. Raffles, set.2018)

Outro limite encontrado é o relacionamento entre a equipe de enfermagem e os palhaços, que nem sempre é fácil. Conquistar a confiança, colaboração e disponibilidade da equipe, que frequentemente possui uma rotina estressante e passam horas trabalhando, tem se apresentado como uma tarefa árdua. Ademais, uma boa relação entre ambos facilita o desenvolvimento das atividades realizadas pelos palhaços, desse modo, cabe destacar o depoimento a seguir:

O limite é dado conforme o ambiente permite a conexão de quem está trabalhando com palhaço doutor digamos assim, quem está chegando muitas vezes é difícil conquistar a confiança e o carinho do profissional que “tá” ali, que, muitas vezes, há horas trabalhando[...] quem dá mesmo como vai ser é o colaborador assim ele que vai nos dar abertura que vai demonstrar se está disponível ou não, se está querendo brincar ou não, então quem demonstra isso normalmente é o pessoal que trabalha. (Dra. Pipoka, set.2018)

[...] a gente está ali para fazer as(os) enfermeiras(os) felizes. Porque eles passam por muitos problemas, por muita pressão, sabe, por conta do trabalho deles, [...]. (Dra. Bandeide, out.2018)

A pressão do cotidiano hospitalar, enfrentada

pela equipe de enfermagem, também é um limite que pode interferir na atividade dos risoterapeutas. A rotina profissionais de enfermagem, que passam horas no ambiente hospitalar, exercendo suas funções em contato direto com pacientes, é desgastante. Ao final do expediente da equipe de enfermagem nem sempre é fácil estabelecer uma relação de humor e alegria, em que predomine o riso e a espontaneidade, que é o objetivo dos risoterapeutas no ambiente hospitalar: *[...] quando a gente chega no início de um plantão [...] quando a gente chega no meio de plantão[...] agora se a gente chega no final do plantão falta uma hora para a pessoa ir embora é outra energia então vai depender muito [...]. (Dra. Pipoka, set.2018)*

Pode-se também dizer que uma limitação para os palhaços é a abordagem da equipe de enfermagem, pois muitos, por serem retraídos, introvertidos ou até mesmo com pouco senso de humor, não dão abertura para atuação dos risoterapeutas, depende da personalidade de cada indivíduo. Constatamos com a fala a seguir:

[...] acontece por tristeza do momento, por estresse ou algum motivo [...] então, vem a sensação de “poxa, não consegui” e uma certa frustração. Mas entendo que nem sempre será tudo ótimo e temos que respeitar o momento, a vontade de brincar ou não. O não é um direito de todos[...]. (Dr. Chikito, out.2018)
[...] Acho que varia muito [...] depende do momento da pessoa, às vezes tem gente com vergonha, é mais introvertido, então não é sempre que a pessoa vai estar ali atuando junto com a gente, brincando junto [...]. (Dr. Dispor, out.2018)

Segundo as falas acima, pode-se constatar que respeitar o espaço e a individualidade da pessoa é essencial para reconhecer ou não a aceitação, evitando a insistência, para não ser inoportuno. Com estes, é necessário ter um cuidado a mais, para encontrar um momento propício para desenvolver suas atividades. Aguardar para que se envolvam, se assim desejarem, no clima de alegria e descontração.

DISCUSSÃO

A posição desajustada é fundamental para o sucesso da atuação do palhaço. A aceitação do fracasso nas situações cotidianas e a manifestação das suas emoções, de maneira sincera e verdadeiras, são importantes, entretanto, muitas vezes esta posição desajustada age sobre o palhaço de forma inesperada. Em uma situação extemporânea, ele não se desmotiva

ou se desvia da sua intenção de realizar um grande espetáculo ou, no caso do palhaço de hospital, de ser um profissional capaz de promover um grande encontro: da alegria com o social. Esta postura e o sentimento associado ao erro reforçam o poder cômico do palhaço.^{3,12,13}

O uso da máscara e de fantasias também permite ao palhaço desenvolver melhor sua atividade, o que, conseqüentemente facilita a comunicação e o envolvimento com pacientes e equipe de saúde. Agindo de maneira incógnita, ele consegue ser autêntico e pode estabelecer uma relação em que a alegria, o humor e a espontaneidade fluem, contribuindo para que os objetivos sejam alcançados, ou seja, este é capaz de extrair sorrisos, tornar o ambiente mais leve, melhorar a aceitação das rotinas e reduzir o sofrimento em função do tempo de internação.^{14,15}

O palhaço apresenta como grande potencial à sua atuação a facilidade em transformar situações consideradas inconseqüentes ou inapropriadas para o ambiente hospitalar, deste modo, tais situações ganham outra dimensão quando executadas em um contexto que assim o permita. O palhaço tem a essência de subverter a ordem dos ambientes onde está. Nesta direção ele subverte com suas ações, as relações que estabelece com todos ao seu redor, inclusive consigo próprio.¹⁶

Nas mais diversas culturas, podemos encontrar figuras cômicas, baseadas na lógica do bobo, do desajustado, que podem ser associadas ao palhaço. Este personagem cômico, alegre, envergonhado e ao mesmo tempo afetivo, ao inserir-se no âmbito hospitalar, de modo geral, se apresenta como um médico, seguindo a tendência criada por Michael Christensen em 1986.³

Através de suas características próprias, o palhaço é um transformador de ambientes, através da humanização e da assistência hospitalar que ocorre sobre vários enfoques, promovendo assim, um ambiente acolhedor e confortável, gerando mudanças tais como, a iluminação e as cores das enfermarias e dos quartos, além de outras mudanças realizadas por profissionais da própria instituição com a ajuda dos palhaços voluntários. Tais aspectos vão ao encontro do Programa Nacional de Humanização, que teve como objetivo fundamental o aprimoramento das relações entre profissionais, usuários/profissionais e hospital/comunidade, visando melhorar a qualidade e a eficácia dos serviços prestados pelas instituições, e promover

uma nova cultura que deve estar comprometida com suas práticas, com a qualidade de vida dos indivíduos envolvidos e com seu atendimento.²

O palhaço tem sido utilizado em centenas de projetos, na tentativa de desvincular a imagem fria, mecânica e pouco original de enfermeiros e médicos, culturalmente arraigada nos saberes populares, os quais agem, por vezes, sem se preocupar com o lado humano do indivíduo. Uma das modalidades mais conhecidas da humanização hospitalar é a chamada *Terapia Clown*, que é conhecida popularmente pelo filme de Patch Adams, denominado “O amor é contagioso” e também pelo trabalho da ONG “Doutores da Alegria” e dos “Risoterapeutas” (p. 1).¹⁷

Com esta abordagem, o palhaço se dispõe a realizar as atividades de enfermagem e médicas da mesma forma tradicional, porém, ele se apresenta desajustado, subverte a lógica pré-estabelecida e, a partir disso, emerge a possibilidade da diversão, em que o erro fictício se torna cômico e o desajuste é comum. Deste modo, percebemos que os benefícios da *Terapia Clown* se refletem em todos os envolvidos, sejam eles artistas, profissionais ou voluntários e todos aqueles que estiverem nesta condição momentaneamente.¹⁸

Diante do cenário hospitalar, geralmente caracterizado como sombrio e melancólico, com rotinas e normas, aparece a figura do palhaço, que se propõe a transformar o modelo biomédico centrado na doença. Este trata-se de um trabalho que tem como objetivo ampliar as estratégias do cuidar e da educação em saúde, através do lúdico e cômico, ou seja, utilizando do humor e do riso, por meio da criação de um mundo entre o real e o imaginário que permite o surgimento da imaginação, criatividade e a ludicidade.¹⁹

*A presença do palhaço contribui para melhoria significativa no processo saúde-doença, através do riso e do humor, transformando-se em alegria, com isso ocorre aumento da imunidade, promoção da analgesia natural e boa aceitação do paciente ao tratamento terapêutico (p. 2).*¹⁷

Esta nova maneira de contribuição ao cuidado é de grande importância no contexto hospitalar para os pacientes e, também para os estudantes, futuros profissionais de saúde, pois transforma a assistência tradicional, aproximando, engajando e humanizando as relações entre indivíduos e pacientes. Além disso, os discentes da saúde – enfermagem, medicina e

psicologia – que se tornam risoterapeutas passam a entender o ser humano de forma mais ampla e singular, menos tecnicista e mais afetiva, buscando futuramente, ser um profissional comprometido com o cuidado integral, com a humanização de seu atendimento e com o respeito ao colega. Portanto, ao observar, compartilhar experiências e se colocar no lugar do palhaço, a equipe de enfermagem tem a possibilidade de aprender com o mesmo e realizar trabalhos humanizados, permitindo potencializar as virtudes humanas, superar barreiras, estimular a capacidade de reflexão e tornar a rotina menos estressante.¹⁶

A risoterapia é uma terapia benéfica para todas as pessoas envolvidas, tanto para quem desenvolve e para quem recebe, ou seja, envolve e melhora a comunicação entre ambas as partes. Nesse sentido, é importante considerar como se desenvolve a *Terapia Clown* e a comunicação que ela proporciona entre os palhaços e os profissionais de enfermagem.²⁰

O contato humano em sua essência é indispensável ao cuidado singular e original, a biotecnologia que permite tal feito é regada de inovações e transformações que modificam o cuidado evidenciando a importância do uso das tecnologias leves para onde as tecnologias duras não são capazes de tocar. Diante desses processos que exigem e fazem diferença com a forma de agir do risoterapeuta desnota-se: o acolhimento; relaxamento e desinibição; resgate e (re)construção de boas lembranças; leveza nas rotinas; cuidado e delicadeza com a dor humana; flexibilidade na condução das problemáticas e resolutivas e transformações positivas cotidianas.²¹

A comunicação e o riso seguido de bom humor liberta o pensamento, pois promove momentos de descontração, de fuga da realidade vivida, reduzindo a tensão do cotidiano. Além disso, a convivência com os palhaços proporciona a distração nos momentos tensos, não somente para a equipe de enfermagem, como para o paciente, promovendo uma interação entre ambos, possibilitando a construção de um vínculo de confiança, necessário para o tratamento. Isso proporciona melhor entendimento de como o paciente lida com a situação em que está vivendo com o sofrimento, e até mesmo a compreensão, por parte do paciente, das atividades realizadas no hospital pela equipe de enfermagem.²²

Há momentos e situações em que o riso não promove mudanças, mas o humor é essencial para a

sobrevivência nestas situações, tanto para os pacientes quanto para os familiares e profissionais de saúde.²³

Além disso, a atuação dos indivíduos como palhaços voluntários enriquece seus valores e princípios, promovendo ganhos pessoais, familiares e laborais, contribuindo ao entrelace de diversos indivíduos por meio da construção distintas, desta forma estes sujeitos levam a alegria, entusiasmo e valores como solidariedade, respeito, dentre outros, adquiridos no decorrer de suas atividades como voluntários. Ao exercer essas atividades voluntárias no contexto social, isto enriquece quem o executa, transformando o trabalhador, tornando-o mais humano. Com esse voluntariado, o indivíduo alcança suas expectativas e materializa seus projetos e sonhos. Ao participar de construções relevantes para sociedade, o trabalho deixa de ser uma mera fonte de subsistência para o trabalhador, encontrando outro significado para a construção de sua história.²⁴

CONCLUSÃO

Diante dos limites a serem enfrentados pelos risoterapeutas junto à equipe de saúde e os usuários, verifica-se nas falas que, frequentemente, as equipes são submetidas a jornadas de trabalho longas, estressantes e, muitas vezes, isto faz com que estas equipes não se encontrem disponíveis para o trabalho em conjunto, ou não reconheçam o uso de biotecnologias leves como eficazes. Além disso, estas possuem um intenso contato com doenças, sofrimento, angústias e morte, assumindo fortes responsabilidades, tanto no plano material, quanto no plano afetivo.

É fundamental fomentar processos de humanização, a exemplo destes evidenciados e discutidos no presente estudo: compreender melhor que a intervenção e as interações dos risoterapeutas-palhaços tendo em vista que, amplia os conhecimentos sobre as possibilidades do trabalho destes a equipe de saúde junto aos usuários. A influência do lúdico no desenvolvimento humano e, sobretudo, a respeito desta singular modalidade da atuação conjunta, traz consequências positivas e terapêuticas, através do humor, proporcionando alegria, descontração e alívio do estresse, não somente aos pacientes como também aos familiares, palhaços e profissionais de saúde. Estes podem estabelecer uma relação duradoura com os palhaços que, são observados como um modelo de

relação com os pacientes.

A atuação conjunta dos palhaços e profissionais de saúde também proporciona o reconhecimento de que certas reações apresentadas pelos pacientes, tais como, apatia, prostração, depressão e resistência aos procedimentos necessários, podendo estar ligadas as circunstâncias da internação e das relações vividas no cotidiano hospitalar. A relação com equipe de enfermagem, quando satisfeita no ambiente de trabalho, tende a melhorar o bem-estar daqueles a quem assistem.

Pode-se concluir que o humor ajuda a manter as relações, facilitam a criação e a manutenção de vínculos, elementos essenciais para o trabalho em equipe. Entre os palhaços, profissionais de enfermagem e da saúde e o paciente, o humor diminui as barreiras entre as pessoas e torna a comunicação mais ágil e efetiva. Os risoterapeutas procuram demonstrar como ocorrem as relações entre profissionais de saúde, pacientes e familiares no ambiente hospitalar, bem como o poder humanizador/transformador de tais relações, além de divulgar a importância do humor, através da alegria, no que se refere à superação de obstáculos, propiciando o surgimento de criatividade e transformações do ambiente com sua atuação. Além disso, sugere-se a continuidade de estudos nesse viés afim de aprofundar os conhecimentos e resultados advindos dessa relação entre a equipe de saúde e o grupo de risoterapeutas, estimulando e sensibilizando e formação humanizada sobre as práticas científicas dos cuidados.

REFERÊNCIAS

1. Rodrigues, CEM. Importância do Lúdico no Impacto Psicológico da Hospitalização Infantil Estudo no Hospital Regional Santiago Norte. [monografia]. Universidade Jean Piaget de Cabo Verde; 2013.
2. Santos MR dos, Silva L, Misko MD, Poles K, Bousso RS. Desvelando o cuidado humanizado: percepções de enfermeiros em oncologia pediátrica. *Texto & Contexto-Enferm* 2013; 22(3):646-53. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072013000300010>
3. Sato M, Ramos A, Silva CC, Gameiro GR, Scatena CM da C. Palhaços: uma revisão acerca do uso dessa máscara no ambiente hospitalar. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação* 2016; 20(56):123-34. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-57622015.0178>
4. Utsunomiya KF, Ferreira EAG, Oliveira AM, Arai HT, Basile MA. Palhaços de hospital: proposta multidisciplinar de humanização em saúde. *Revista de Medicina* 2012; 91(3):202-8.
5. Freitas NA, Silva ALF da, Sousa RR de, Oliveira CF de, Mesquita AMP de, Oliveira BN de. A prática da terapia

- do riso na atenção hospitalar: reflexões a partir da vivência interdisciplinar. *Revista de Políticas Públicas* 2013; 12(1):58-54.
6. Silva PH, Omura CM. Utilização da risoterapia durante a hospitalização: um tema sério e eficaz. *Rev Enferm* 2005; UNISA,6:70-3.
7. Almeida ICF de. Representações e expectativas dos profissionais dos serviços de pediatria do Hospital de Braga relativamente à intervenção dos “Doutores Palhaços”. [dissertação]. Universidade do Minho – Instituto de Educação; 2012.
8. Duarte MR, Alves VH, Rodrigues DP, Souza KV, Pereira AV, Pimentel MM. Tecnologias do cuidado na enfermagem obstétrica: contribuição para o parto e nascimento. *Cogitare Enfermagem* 2019; 11-1. doi: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v24i0.54164>
9. Cardoso JS, Faria AKS. A terapia do riso como instrumento de humanização no setor pediátrico. *Revista Unilus Ensino e Pesquisa* 2018; 15(41):162-9.
10. McFarland MR, Webbe-Alamab. The Theory of Culture Care Diversity and Universality . In: Madeleine M. Leininger and Marrison, McFarland, editors. *Culture care diversity and universality: a worldwide nursing theory*. Massachusetts: Jones & Bartlett Learning; 2006.p.1-42. http://samples.jbpub.com/9781284026627/McFarland_CH01_Sample.pdf.
11. Nunes ED. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. *Ciência & Saúde Coletiva* 2007; 12(4):1088-1087. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232007000400030>
12. Catapan S de C, Oliveira WF de, Rotta TM. Palhaçoterapia em ambiente hospitalar: uma revisão de literatura. *Ciência & Saúde Coletiva* 2019; 24(9):3429-17. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232018249.22832017>
13. Tan AK. A Qualitative Phenomenographical Study of the Experience of Parents with Children in Clown Care Services. [dissertação]. Helsinki Metropolia University of Applied Sciences (Vantaa);2014.
14. Groskopf F, Marquetti M. Uso das tecnologias leves para o cuidado em saúde mental. *Saúde e Meio Ambiente: Revista Interdisciplinar* 2017, 6(3):26-25. doi: <https://doi.org/10.24302/sma.v6i3.1666>
15. Wuo, AE. Clown: “Desforma”, rito de iniciação e passagem. *Repositório da Produção Científica e Intelectual da Unicamp*. [tese]. São Paulo (SP): Universidade Estadual de Campinas;2016.
16. Rosevics L, Aguiar DA, Borges CR, Filho RH, Yamashita TS, Manchak AC, Azevedo VF. ProCura – a arte da Vida: um Projeto pela Humanização na Saúde. *Revista Brasileira de Educação Médica* 2014; 38(4):492-86. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-55022014000400010>.
17. Lima IAM de, Nóbrega T da C, Oliveira IC de. A humanização através do riso e da alegria: concepções de profissionais de saúde. 2018; 5-1. doi: <http://www.prac.ufpb.br/enex/trabalhos/6HUPEDIATRIAPROBEX2013262.pdf>.
18. IFMSA BRAZIL. International Federation of Medical Students Associations of Brazil. Projeto Palhaçoterapia 2013; Disponível em <<http://www.ifmsabrazil.org/>>.
19. Agostini F, Monti F, Neri E, Dellabartola S, Pascalis L, Bozicevic, L. Parental anxiety and stress before pediatric anesthesia; A pilot study on the effectiveness of preoperative clown intervention. *Journal of Health Psychology* 2014; 19 (5):601-587. doi: <https://doi.org/10.1177/1359105313475900>

20. Cruz DD. A inserção do palhaço no ambiente hospitalar: experiências de um projeto de extensão. *Revista em Extensão* 2016; 15(1):140-33. doi: https://doi.org/10.14393/REE-v15n12016_rel06
21. Brito CMD de, Silverira R da, Mendonça DB, Joaquim RHVT. O humor e o riso na promoção de saúde: uma experiência de inserção do palhaço na estratégia de saúde da família. *Ciência & Saúde Coletiva* 2016; 21(2):562-53. doi: <https://doi.org/10.1590/1413-81232015212.00982015>
22. Lemos, ACM. A utilização da risoterapia na assistência de enfermagem ao idoso institucionalizado. [dissertação]. Rio de Janeiro (RJ): Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro;2015.
23. Oliveira WF de. O Núcleo de Humanização, Arte e Saúde: Uma experiência coletiva de produção social de saúde. *Brazilian Journal of Mental Health* 2016; 8(18):230-14. doi: <https://doi.org/10.5007/cbsm.v8i18.69375sm.v8i18.69375>
24. Salazar KA, Silva ARL da, Fantinel LD. As relações simbólicas e a motivação no trabalho voluntário. *RAM. Revista de Administração Mackenzie* 2014; 16(3):171-200. doi: <https://doi.org/10.1590/1678-69712015/administracao.v16n3p171-200>

Recebido em: 21/05/2021

Aceito em:29/07/2021